

Resenha

Sobre as charges no governo Lula e o confronto com neoliberalismo
(CRUZ. Adriano Charles. **A charge no governo Lula: crítica e resistência ao neoliberalismo.** Natal/RN: EDUFRN, 2014. 179 p.)

John Willian LOPES¹

O livro *A charge no governo Lula: crítica e resistência ao neoliberalismo* investiga os efeitos de sentidos produzidos por charges jornalísticas imersas no contexto discursivo do neoliberalismo, durante a consolidação do primeiro mandato do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O professor e pesquisador Adriano Cruz², na construção da sua investigação, trilhou por sobre a seguinte questão: “como as charges, em meio à hegemonia neoliberal na Imprensa, representam os temas econômicos no início do governo Lula?”. (p. 20). Partindo da economia, a qual descreve como área em que os postulados neoliberais se mostram mais nitidamente, o pesquisador defende a tese de que a charge funcionou como resistência ao neoliberalismo no Governo Lula (2003-2006). Compunha o cenário político e econômico da época a atenção midiática para com as práticas neoliberais e o deslizamento do governo para o “centro” com algumas mudanças no campo econômico, como a nomeação de Henrique Meirelles, ex-banqueiro do Bank Boston, para a presidência do Banco Central, “a ênfase dada, a exemplo do governo FHC, no superávit primário como condição para o equilíbrio da economia; as elevadas taxas de juros com o objetivo de controlar a inflação. (p. 25).

Para a construção da sua investigação, o autor elegeu charges publicadas no ano de 2004 pelo conglomerado de empresas de mídia *Diários Associados*, das capitais nordestinas Natal, João Pessoa e Recife – respectivamente os jornais *Diário de Natal*, *O*

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - PPgEM/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia – Comídia/UFRN. E-mail: johnwillianlopes@gmail.com.

² Adriano Cruz é jornalista, escritor e doutor em Linguagens e Cultura. É professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DECOM/UFRN), e do Programa de Pós-graduação em Gestão de Processos Institucionais, e coordena o Grupo de Pesquisa Círculo de Estudo em Cultura Visual. Atuante nas áreas de estudos da imagem, análise discursiva e semiótica e estudos culturais.

*Norte e Diário de Pernambuco*³. Assim, investiga os sentidos presentes nas charges jornalísticas, que lançam mão de recursos linguísticos como a “ironia, a paródia, o trocadilho, a intertextualidade”. (p. 18), mostrando como a resistência é envidada como estratégia irônica nas charges. Sua análise embasa-se nos fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, com destaque para as contribuições de Michel Pêcheux. O autor, quando opta pela AD francesa, indicia alguns pressupostos pertinentes a tal perspectiva teórica. Legada da década de 1960, a AD constitui-se no espaço de questões criadas pela relação de três domínios, a saber: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. Nesse “entremeio” desenvolve-se a Análise de Discurso, trabalhando sua própria noção de objeto – a de discurso –, entre “diálogos, deslocamentos, rupturas e retomadas”. Na AD o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e esta marca a linguagem, de modo que o discurso é o lugar em que se pode verificar a relação entre língua e ideologia.

Igualmente, Cruz leva em consideração a premissa de que a materialidade imagética é forçosa para se compreender os discursos produzidos e suas formas na mídia – aproxima-se da Semiologia tal qual o fez Pêcheux, percorrendo os lugares das memórias imagéticas que se se apresentam em “*gestos contraditórios* que os chargistas aproveitam para formular certos *desdobramentos, réplicas, polêmicas, e contradiscursos*”. (p. 18)⁴. O diálogo com a discussão sobre a doutrina neoliberal é iniciado ainda no início do texto, nas suas *Palavras Iniciais*, quando aponta o neoliberal como característica da recente fase do capitalismo monopolista. Apoiando-se em Bourdieu (1998), aponta a colaboração dos jornalistas na a manutenção do neoliberalismo como ideologia dominante e hegemônica em escala global. A marcante evidência midiática das práticas neoliberais durante o primeiro mandato de Lula (2003-2006) corrobora certa “uniformização ideológica da mídia brasileira” (p. 19) em torno dessas ideias. A relação entre imprensa e neoliberalismo é significativa, uma vez que o desenvolvimento das empresas jornalísticas (séculos XIX e XX) foi impulsionado pelo paradigma da informação e pela ideologia capitalista. O jornal, transformado em negócio lucrativo, perde sua aura romântica em detrimento da profissionalização e industrialização da notícia, formalizando o interesse pela “maior liberdade de mercado ante a regulamentação estatal” (p. 20). No contexto brasileiro, a concentração dos

³ Os dois primeiros jornais foram extintos 2012.

⁴ Grifos do autor.

veículos de comunicação em posse de um número diminuto de empresas contribuiu, em parte, para uma disseminação dos discursos pró-neoliberalistas, conforme destaca Cruz (2014).

O autor entende a resistência das charges, em meio às crises econômicas mundiais, à degradação ambiental constante, ao descompasso na distribuição das riquezas e exploração dos povos, como uma postura crítica às mazelas sociais, “uma preocupação com o ser humano e suas necessidades vitais e uma reação ao discurso de não intervenção econômica pelo Estado” (p. 23). Ampliando a resistência à ideologia neoliberal e ao discurso que o mercado pode regular por si mesmo a sociedade.

Além das suas palavras iniciais e considerações finais, Cruz (2014) estrutura seu livro em três capítulos, que são: *A charge em análise: construindo o caminho dos sentidos*, *Marcas da historicidade: da emergência das charges à resistência neoliberal* e *A charge como resistência ao neoliberalismo*.

No primeiro capítulo, *A charge em análise: construindo o caminho dos sentidos*, o autor percorre detalhadamente os fundamentos epistemológicos da Análise de Discurso, explicando os recortes conceituais e descreve os procedimentos teórico-metodológicos. O texto, em sentido amplo, é o objeto empírico dessa disciplina – da AD. Nesse sentido, no livro, a charge jornalística é vista como um texto com “características próprias, com elementos linguísticos e visuais, escrita por um sujeito-chargista, dentro de um contexto histórico-político determinado” (p. 28). Ainda neste capítulo, Adriano Cruz percorre o contexto do surgimento da AD, as contribuições das áreas que a formaram, destaca noções atinentes à perspectiva francesa, como *discurso*, *memória discursiva*, *formação discursiva* (FD), *arquivo*, *resistência* e *intericonicidade*. Ponto a ponto, o autor esmerilha essas noções, dialogando com seus formuladores e comentadores. Por fim, descreve os critérios e os passos da metodologia utilizada na pesquisa da sua tese, recortando e demonstrando seu objeto de estudo.

Marcas da historicidade: da emergência das charges à resistência neoliberal, segundo capítulo, aborda a história do liberalismo como doutrina econômica e política tal como os aspectos do novo liberalismo, pensados no século passado. O novo modelo, neoliberalismo, expande-se impetuoso pelo ocidente e na sua trilha consequências díspares. É de se salientar, como o faz Cruz (2014), que os contornos que formaram o liberalismo foram constituindo-se “a longa duração” (BRAUDEL, 1984 apud CRUZ,

2014, p. 85), desde os greco-romanos ao surgimento no Renascimento e Reforma. Nesta parte do livro são apresentadas as estruturas do liberalismo bem como acontecimentos que “geram transformações nas práticas discursivas e não discursivas e nas mentalidades”. (p. 85). Exemplifica um desses acontecimentos a idealização de uma alternativa que rompe com a visão de mundo cujo capital é hegemônico, o modelo socialista proposto por Karl Marx e Friedrich Engels, no século XIX. Cruz (2014) percorre a história do liberalismo e neoliberalismo demonstrando a adoção de alguns governos por medidas provenientes desses pensamentos, seus declínios e as resistências, no mundo e no Brasil – aqui implementado a partir da década de 1990 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC).

Ainda no segundo capítulo, o gênero charge é descrito, suas mudanças históricas e a relação com a imprensa. Cruz (2014) apoia-se no conceito teórico de carnavalização para defender o caráter contradiscursivo da charge. A charge constitui-se ao longo dos tempos como “um gênero no qual a inversão da realidade não é apenas permitida como desejada”. (p. 65). O conceito de “carnavalização” empregado pelo autor é emprestado do pensador russo Mikhail Bakhtin, somando à fundamentação da tese da charge como resistência ao discurso neoliberal. A carnavalização das tensões sociais e político-econômicas é consumada pelo emprego de elementos grotescos nos traços dos chargistas. Na imprensa, desempenha um lugar de memória, sendo os acontecimentos históricos atualizados a partir de “estratégias discursivas da ironia e da derrisão”. (p. 83).

Em *A charge como resistência ao neoliberalismo*, o autor se dedica a análise do *corpus*, procurando compreender “suas condições de existência e os discursos que eles retomam, refutam e resistem”. (p. 26), bem como verificar as estratégias textuais e icônicas nas charges. No capítulo, destaca-se de imediato a relação entre os enunciados das charges e o eclodir de um “acontecimento discursivo⁵: a ‘quebra do ritual’ neoliberal, arraigado no discurso jornalístico”. (p. 113). Chama-se, assim, atenção para a memória discursiva, que evoca o discurso de resistência que se entrecruza com atualidade e passado. Na concepção de Cruz, a voz dos que resistem são ecoadas pelos “sujeitos-chargistas”, de maneira a permite ao subalterno escapar do silenciamento na história.

⁵ Grifo nosso.

Em seguida, são situadas as contradições na memória do sujeito Lula, que no transcorrer do seu primeiro mandato (2003-2006) curvava-se para o neoliberalismo nos campos político e econômico. Esse processo enchumaça as condições de produção que passam a ser comparadas com o passado do presidente, sob forma de cobrança e resistência pelas charges. A mudança discursiva operada por Lula é criticada e deste cobra-se postura e ação coerentes com sua trajetória política. “Como em um jogo de espelhos, o chargista aponta as transformações históricas do Presidente, colocando em confronto duas formações discursivas antagônicas”. (p. 115). As marcas interdiscursivas do operário também trazem à tona as contradições de Lula e seu partido (PT), operadas pelos sujeitos chargistas como efeito da memória discursiva. As imagens “já vistas” formam a intericonicidade e permitem a paródia imagética como acontecimento discursivo. A retomada a essas imagens em novas condições de produção, produz novos efeitos de sentidos. Nas charges, as imagens clássicas ou midiáticas são, por meio da paráfrase e polissemia, relidas e transformadas em paródias como “principal recurso na carnavalização dos atores e dos acontecimentos políticos e econômicos”. (p. 129). O último capítulo continua seu desenvolvimento sustentando a tese proposta no início do texto: a charge como crítica e resistência ao neoliberalismo no Governo Lula. Os objetivos traçados para consolidação da pesquisa são estruturados em subtópicos, interconectados, conduzindo a leitura e compreensão, porém sem uma linearidade rígida.

O deslizamento do governo petista para o “centro”, acredita Cruz (2014), foi o impulso do contradiscurso das charges, ancoradas numa formação discursiva antineoliberal. O autor salienta ainda as charges que não podem ser consideradas reacionárias por criticarem um governo de “esquerda”, uma vez que “o discurso crítico a Lula se assenta na relação da política econômica governamental e as necessidades do operário”. (p. 166). As charges, inferindo-se do *corpus*, colocam sob suspeita o discurso da esquerda e ironiza as medidas do governo.

Adriano Cruz mostra em seu livro, como bem esclarece nas suas conclusões, formas de resistência no interior de um dos mais importantes conglomerados de mídia, o *Diários Associados*, e inquieta a reflexão sobre a homogeneidade ideológica da tradicional imprensa brasileira. A riqueza analítica impressa no livro não está reservada apenas na análise do objeto delimitado, ao contrário, se mostra já no capítulo inicial

quando trata da não transparência das imagens e da pluralidade dos sentidos no quadro *Las Niñas*, do pintor José Nieto Velázquez – durante todo o livro o autor traz exemplos que saúdam os conceitos evocados.